Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

AMOR DE TRANSFERÊNCIA – ANOTAÇÕES

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Resumo: A partir do estudo do Seminário VIII "A Transferência" de Jacques Lacan, o texto propõe discutir o tema do amor, discussão que se fazia necessária após Lacan no Seminário anterior ter definido com maior precisão a finalidade da análise e o lugar do analista. Finalidade que coloca a psicanalise apartada dos serviços dos bens e o lugar do analista marcado pela ética do desejo.

Palavras-chave: Amor, transferência, ética do desejo.

São Paulo

2022

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

TRANSFER LOVE – NOTES

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Abstract: Based on the study of Seminar VIII “The Transference” by Jacques Lacan, the text proposes to discuss the theme of love, a discussion that was necessary after Lacan in the previous Seminar had defined with greater precision the purpose of analysis and the place of the analyst. A purpose that places psychoanalysis apart from the services of goods and the analyst's place marked by the ethics of desire.

Keywords: Love, transference, ethics of desire.

São Paulo

2022

Amor de Transferência – Anotações

Durante o estudo que fizemos sobre o Seminário VIII - A Transferência, eu me lembrei, muitas vezes, do filme “Asas do Desejo” de Wim Wenders, um filme alemão, de 1987, pouco antes da queda do muro de Berlim. É um filme rico em referências históricas, filosóficas, literárias, permitindo várias leituras e interpretações.

Faço um pequeno recorte: a história se passa em Berlim, logo após a 2ª Guerra. Damiel e Cassiel, 2 anjos, perambulam pela cidade devastada, observando as pessoas nos detalhes do seu cotidiano. Damiel se apaixona pela trapezista Marion e, estendendo o seu olhar amoroso e admirado para todos os humanos, pensa ... “eles sabem que vão morrer, e ainda sim, eles amam, eles dançam”.

Ao rever o filme, não localizei essa frase. Fiquei surpresa com este efeito inusitado do estudo de um seminário, alterando a minha memória. Eu penso que o traço que promoveu a ligação foi o comentário de Lacan sobre “O Banquete”, destacando a frase de Sócrates ... “o amor não é divino”. De fato, o amor de Damiel por Marion promove o seu desejo de ser humano, renunciando à sua condição divina, humanidade que ele celebra nas conquistas mais triviais; os cheiros, as cores, o peso de uma pedra, de uma maçã, do próprio corpo, do corpo do outro.

No primeiro capítulo do seminário VIII, Lacan retoma questões do seminário anterior, onde já havia orientado a sua elaboração, retirando de cena a ideia do Bem Supremo em nome do vazio, condição necessária para o desejo.

Qual é o efeito desta elaboração para pensarmos o amor e a transferência?

No seminário da Ética, Lacan aborda o amor de várias maneiras:

- faz objeção à ideia do amor ligada à escolha de objeto determinada pela maturação, pelo desenvolvimento;
- recomenda que o analista deixe cair o amor como ideal, juntamente com os ideais de autonomia e autenticidade.

Ainda assim, o tema permanece marcado pela imprecisão:

> Por que a análise, que forneceu uma mudança de perspectiva tão importante sobre o amor, colocando-o no centro da experiência ética, que forneceu uma denotação original, certamente distinta do modo pelo qual o amor até então fora situado pelos moralistas e pelos filósofos na economia da relação inter-humana, por que a análise não foi mais longe no sentido da investigação

> daquilo que devemos chamar, propriamente falando, de uma erótica? Isto é coisa que merece reflexão" (**Seminário Livro 7, A Ética da Psicanálise, p. 18**)

O tema do amor tratado com mais precisão se fazia necessário, já que no Seminário da Ética o lugar da análise estava bem desenhado, o analista identificado à posição de Antígona, movido pela ética do desejo, que ultrapassa o serviço dos bens. O bem entendido como barreira ao desejo, principalmente a condição do sujeito como bem, em função da demanda do Outro, com a garantia suposta de ser bem-amado.

A ligação de Lacan com o teatro torna mais nítida a cena analítica, na sua direção e finalidade, cena esta marcada pela transferência que se dá no presente, enquanto presença da realidade do inconsciente. Faltava o elemento principal que põe esta cena em movimento, em funcionamento, que é o amor de transferência.

Entre "Intervenção sobre a transferência" (1952) e o presente seminário são quase 10 anos. Moustapha Safouan, em "A transferência e o desejo do analista", é preciso ao afirmar:

> – ... descoberta desde a aurora da psicanálise – seja apenas a sombra de um amor passado que se repete sobre a pessoa do médico, que remeta ao fantasma do analisante, cujo objeto continua sendo um X indefinido e que ela implique impasse por ser motor ao mesmo tempo da análise e da resistência: esta era a convicção de Freud, o que tornava impensável a transferência.

E com mais precisão ainda:

> Repensar a transferência é apontar para o fato de que ela se expressa para não se dizer analisa – através dos jogos autônomos do significante e estabelece-se sobre uma pessoa sim mas enquanto ela mascara o objeto perdido do fantasma, e ainda, só pode se desenlaçar porque o analista é ele mesmo habitado por um desejo bem a postos, isto é desembaraçado de todo querer saber. Esta é a estrutura da transferência, recapturada passo a passo por Jacques Lacan, a única que permite articular transferência, resistência, liquidação – em suma, tornar inteligível a psicanálise.

Destaco desta colocação de Safouan ... "recapturando passo a passo", ou seja:

- conceituar os três registros;
- o inconsciente estruturado como linguagem
- teoria do sujeito e do objeto
- a diferenciar castração de frustação e privação
- a ética do desejo

Passos que recuperam o vigor e a potência do texto freudiano, dando-lhe um novo alcance.

Discutir a transferência na sua disparidade subjetiva que não é apenas diferença ou hierarquia entre analista e analisante, na sua pretensa situação requer uma revisão do que se sabe sobre o amor.

No *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise - O Legado de Freud e Lacan*, encontro a seguinte notação de Erik Porge: “Sejam quais forem as formulações mais ou menos felizes sobre as relações entre a transferência e o amor, não há como fugir da constatação de que a transferência põe o amor na berlinda.”

É uma notação curiosa na sua ambiguidade:

- formulações mais ou menos felizes;
- não há como fugir.

Afirmações que iluminam menos o que sabemos sobre o tema do que o que nos resta de imprecisão e incerteza. E ainda traz a presença da berlinda, que é um jogo não da primeira infância e sim das crianças chegando à puberdade.

É um jogo que tem como temas, o amor e a verdade, temos ainda as variações “Jogo da verdade”, “Verdade e desafio”. Quem fica na berlinda é convidado a responder perguntas, quase sempre sobre os interesses afetivos e amorosos. Ensaio sobre as questões que estarão presentes pela vida afora.

É uma brincadeira que costuma gerar alguma tensão pelo caráter obrigatório de se dizer a verdade. Mas como é a relação entre o amor e a verdade? No enlaçamento dos registros do imaginário e do simbólico está presente uma equivocação, um engano, uma mentira, não hesita em dizer Lacan ... “só os mentirosos podem responder dignamente ao amor”.

Um dos aspectos que o anjo Damiel admirava e desejava era justamente a capacidade humana de mentir. Isto ajuda a entender quando Lacan coloca o Bem supremo no registro do Real assim como os deuses, a quem nada falta, portanto não desejam, não amam, não mentem.

O engano presente na relação amorosa é que o amado não sabe o que tem e que desperta o amor e o amante não sabe o que lhe falta e busca no amado. Duas faltas que não coincidem, ainda que permaneça uma insistência de, através do amor, buscar no outro a unidade perdida.

Recolho, na literatura infantil, uma passagem que tem muito de pitoresca, sem perder o convite de nos fazer pensar. O livro é *O Picapau Amarelo, de Monteiro*

Lobato, o primeiro da série que todos conhecem. Há um grande encontro no sítio entre personagens das fábulas, contos de fada, mitologia, literatura.

Ainda assim, Emília, e só podia ser ela, sente falta do que considerava ser uma festa verdadeira, um casamento. Desanimada com a indiferença do príncipe e da Branca de Neve, busca ajuda com o Cupido. O diálogo entre eles é impagável: Emília pede o arco e flecha emprestado ao que o pequeno deus responde que se deixar de promover o amor o mundo para. Finalmente Emília o convence a trocar o arco e 3 flechas, uma a mais por precaução, pelo estilingue do Pedrinho. Emília flecha os dois namorados, tudo certo, terá a festa do casamento.

Quanto à flecha que sobra, decide flechar a primeira pessoa que passar e que vem a ser a Tia Anastácia. É instalada a desordem no sítio. Tia Anastácia é a senhora do saber que rege a vida prática no sítio; os alimentos, remédios e ela suspirando no vazio, apaixonada pelo nada, deixa de cumprir a sua função. Todos se preocupam, buscam diagnósticos para a estranha doença.

Emília, que assistia a tudo e já arrependida, decide usar o que ela chama de “supremo recurso” que é o faz de conta, que tem a capacidade de voltar no tempo, anular o ocorrido e tudo volta ao normal. Mas, antes, ela nos brinda com a sua sabedoria ... “prá ser amor bom, legítimo, desses que duram para sempre, tem que acertar o par, se acerta um e erra o outro, o coitado fica amando em seco e dá tudo errado”. Concepção do amor presente na infância e que permanece no infantil de todos nós e que vai se atualizar na transferência.

Ao se referir à transferência na sua disparidade subjetiva, Lacan se opõe à ideia de intersubjetividade sem deixar de considerar que o amor precisa sim, ter lugar. Freud e Sócrates souberam servir ao amor para dele se servir, o que indica que não cabe ao analista fugir, se esquivar, é preciso sustentar e responder à demanda de cada um o que procura para tratar o seu sofrimento.

A situação criada é falsa, diz Lacan, uma pretensa situação, porque o analista serve ao amor sim mas “habitado por um desejo bem a postos”, desembaraçado de querer saber, de querer ser amado. Tarefa difícil a ser sustentada; ser amável sem querer ser amado é o que permite ao analista acolher a demanda que lhe é dirigida e possibilitar ao analisando o encontro com a sua falta, condição necessária para o amor e para o desejo.

Para finalizar, retomo as palavras de Safouan... “analista desembaraçado de querer saber” - a questão que insiste; saber sobre o amor, sobre a transferência protege o analista dos equívocos, dos embaraços?

Talvez um saber cristalizado “já sabido” cumpra esta função. Diferente do saber que se constrói e se perde e retorna nos causando, promovendo novos enlaçamentos. É assim que eu entendo as recomendações que o Mauro nos faz.

Posição difícil, mas que produz efeitos. Não nos protege dos equívocos, mas sempre é possível pesquisar, escrever e conversar entre colegas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques. **O seminário livro VII**. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAN, Jacques. **O seminário livro VIII**. A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Jorge Zahar Editor, 1992.

Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. **O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**, 1939. Versão em pdf.

SAFOUAN, Moustapha. **Lacaniana I**: Os seminários de Jacques Lacan 1953-1963. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SAFOUAN, Moustapha. **A transferência e o desejo do analista**. Campinas (SP): Papirus Editora, 1991.